



O Mosaico na Antiguidade Tardia

N.6 2008

Instituto de História da Arte
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Edição

Instituto de História da Arte

Revista de História da Arte N.6 2008

Ficha Técnica

DIRECÇÃO (FCSH/UNL)

M. Justino Maciel
Raquel Henriques da Silva

CONSELHO CIENTÍFICO E EDITORIAL (FCSH/UNL)

Carlos Moura
José Custódio Vieira da Silva
Manuel Justino Maciel
Maria Adelaide Miranda
Rafael Moreira
Raquel Henriques da Silva

CONSELHO CIENTÍFICO EXTERNO

Etelvina Fernández González
(*Universidad de León, Espanha*)
Fernando Acuna Castroviejo
(*Univ. de Santiagode Compostela, Espanha*)
Hellmut Wohl
(*Universidade Boston, EUA*)
Joaquin Yarza Luaces
(*Univ. Autónoma de Barcelona, Espanha*)
Luís Moura Sobral
(*Universidade de Montreal, Canadá*)
Mário Henrique D'Agostino
(*Universidade de São Paulo, Brasil*)
Ramón Rodrigues Llera
(*Universidade de Valladolid, Espanha*)
Thomas Noble Howe
(*Southwestern University, EUA*)

TRADUÇÃO

Michelle Nobre

SECRETARIADO

Ana Paula Louro
Hugo Xavier

EDIÇÃO

Instituto de História da Arte

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Rita Palla

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Heragráfica, artes gráficas lda.

TIRAGEM

1 000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL

227 341/05

ISSN

1646-1762

Preço de venda ao público
15,00 € (5% de IVA incluído)

© Copyright 2008

Autores e Instituto de História da Arte

© FOTO DE CAPA:

Milreu. "Edifício de Culto".
Cabeça de golfinho.
Fotografia de Theodor Hauschild

Publicação Semestral do Instituto
de História da Arte, da Faculdade
de Ciências Sociais e Humanas, UNL

Agradecimentos

Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas/MC; Instituto dos Museus e da Conservação;
Museu Nacional de Arqueologia; Museo Nacional de Arte Romano, Mérida; Museo
Arqueológico de Córdoba.

A edição nº6 da *Revista de História da Arte* foi apoiada pelas seguintes Instituições:
Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), Fundação Calouste Gulbenkian,
Fundação Millennium bcp, Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas/MC.

A *Revista de História da Arte* encontra-se indexada no catálogo Internacional *Latindex*.

A ARQUITECTURA E OS MOSAICOS DO COMPLEXO BAPTISMAL DE MÉRTOLA

VIRGÍLIO LOPES

Campo Arqueológico de Mértola

Campo Arqueológico de Mértola

A história do burgo de Mértola foi, desde sempre, fortemente condicionada por dois factores que moldaram a sua ocupação e a sua importância ao longo do tempo. Em primeiro lugar, a sua localização estratégica: implantado no topo de uma elevação ladeada pelo rio Guadiana, a nascente, e pela ribeira de Oeiras, a poente, possuía excelentes condições naturais de defesa. Em segundo, o ser ponto extremo da navegabilidade do rio Guadiana: a montante da vila, o acidente geológico do Pulo do Lobo, com um desnível de catorze metros, impede a progressão de embarcações para norte, pelo que Mértola adquire importância fundamental como último porto de acostagem. Esses factores tornaram-na num importante entreposto mercantil, em permanente contacto com um vasto território interno e com o Mar Mediterrâneo. Pelo porto da cidade escoavam-se, por exemplo, o ouro, a prata e o cobre extraídos das entranhas da faixa piritosa ibérica (Oliveira, e Oliveira 1996, 11) em particular os minerais provenientes das minas de S. Domingos, localizadas na margem esquerda do Guadiana, de *Vipasca* (Aljustrel) ou dos “chapéus de ferro”, explorados na zona a Oeste de Mértola, estando certamente relacionados com a exploração e transporte desse minério os *castella* localizados nesta área (Maia e Maia 1996, 60-81). E, claro está, ao porto arribavam as gentes de mil paragens e os mais diversos produtos e artefactos (Fig.1).



FIG.1 VISTA GERAL DE MÉRTOLA E DO GUADIANA. © CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA.

A importância de Mértola é também indissociável da sua excelente localização. Ao nível regional: estava situada no percurso da via terrestre que ligava, desde o Bronze Final, o próspero reino de Tartesso à foz do Sado e ao estuário do Tejo, via essa por onde se encaminhava para o Mediterrâneo o estanho vindo do Norte de Portugal e da Beira Interior (Alarcão 1989, 41). Ela atravessava o Alentejo entre a foz do Sado e o Guadiana, através do qual se ligava ao Sul da Andaluzia.

Estas características vão dar a Mértola um importante papel nos processos históricos subsequentes, pois as estradas e o rio não transportam somente mercadorias, mas também e, principalmente, as ideias e as culturas daqueles que as percorrem, influenciando as populações dos locais que visitam. Quanto maior é o número de visitantes estrangeiros, quanto mais é facilitado o contacto com eles, maior e mais marcante será a adopção de outras referências culturais, num sentido largo, e menos conservadora a sua evolução. Mértola, terra de comércio, é, sem dúvida, um local onde essa miscigenação deixou marcas relevantes.

veira 1987, 618-626). É uma construção sólida de contenção e suporte da plataforma do *forum*. O desnível do terreno era compensado por este espaço abobadado que teve também funções de armazenamento e mais tarde de cisterna. Dado ser evidente um desalinhamento nos embasamentos, não é de excluir que antes deste criptopórtico tivesse havido uma outra construção com as mesmas funções (Lopes 2008).

O complexo baptismal

As escavações dos anos oitenta puseram a descoberto um conjunto baptismal e um corredor porticado que assenta sobre a abobada do criptopórtico (Fig.2). Este grande edifício, de planta rectangular, continha no seu interior um baptistério



FIG.2 O COMPLEXO BAPTISMAL. © CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA.

octogonal implantado no centro de um tanque ou piscina rodeado por um deambulatório. Partindo do espaço central abre-se a Leste uma ábside de planta em arco ultrapassado onde marcas no solo indicam a possível localização de uma mesa de altar. O pavimento da galaria porticada e o deambulatório estavam recobertos por um belo tapete de mosaicos, do qual restam alguns fragmentos.

A pia baptismal com um ressalto em degrau que serviria de assento, é sustentada pelo exterior por oito pequenos absidiolos. A água trazida da encosta do castelo penetrava na pia por uma canalização de chumbo e jorrava no alto de um pequeno pináculo cravado no centro.

Alguns lances de degraus permitiam o acesso ao tanque e à pia baptismal completamente revestidos com placas de mármore e envolvidos numa cancela. Não será de excluir que este baptistério, à semelhança de alguns exemplares conhecidos noutras partes do Mediterrâneo, fosse encimado por uma cúpula ou baldaquino. Foram encontrados nas imediações um pequeno fuste e dois fragmentos de cornija finamente trabalhados, integráveis na arquitectura baptismal (Fig.3). Este baptistério tem algumas semelhanças técnicas e formais com exemplares da França mediterrânica (Guyon 1991, 71), do Norte da Itália (Paoli 1998, 6) e de Cartago na Tunísia (Ennabli 1997,138) – todos datados entre os séculos IV e VII. Contudo, é no baptistério de Ljubljana (Emona, Eslovénia) que são mais notórias as semelhanças construtivas. Os autores que estudaram este conjunto baptismal e o pórtico anexo, situam a sua cronologia por volta do século V (Caillet 1993, 371).

Na costa italiana da Ligúria um complexo baptismal também com elementos semelhantes ao de Mértola, é atribuível a meados do século VI (Frondoni 1998, 3).



FIG.3. VISTA DO BAPTISTÉRIO E DAS ESTRUTURAS ENVOLVENTES. © CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA.

A presença de práticas baptismais na Península Ibérica foi documentada a partir dos princípios do século IV no Concílio de Elvira. Os baptistérios construídos de raiz ou que aproveitam estruturas balneares anteriores, começam a generalizar-se em finais do século IV.

A organização do espaço litúrgico em torno do baptistério de Mértola assemelha-se a outros locais da mesma época. Os catecúmenos seguiriam em cortejo pelo pórtico dos mosaicos entrando no baptistério pela porta oeste, dirigindo-se à fonte baptismal. Já baptizados, os neófitos subiam as escadas em direcção ao altar onde seriam recebidos pelo bispo para uma primeira comunhão.

Tendo em conta que nesses tempos antigos o baptismo é celebrado apenas pela Páscoa, este conjunto arquitectónico poderia também ser utilizado como catecumenoneo, local destinado a preparar os aspirantes a cristãos.

Em regra, o baptistério integra-se num conjunto arquitectónico em que os diversos espaços têm funções precisas na organização da cerimónia. Na maioria dos casos conhecidos, o baptistério estava situado ao lado de uma basílica principal ou entre duas igrejas, no caso dos grupos episcopais. No caso de Mértola, com os dados existentes, não podemos definir com clareza o tipo de edifício a que o baptistério estava associado. Só futuras escavações arqueológicas o poderão esclarecer, no entanto avançamos com algumas propostas de reconstituição volumétrica do complexo baptismal (Fig.4). No entanto e dada a monumentalidade, o luxo da construção e acabamentos, não é de excluir que se trate de um palácio episcopal que se manteve em funções entre os séculos V e VII (Lopes, 2004).

Os mosaicos

Já em finais do século XIX, por iniciativa de Estácio da Veiga, tinha aparecido na zona da alcáçova um fragmento de mosaico representando uma tartaruga. Porém foi só em inícios de 2000 que o CAM pôs a descoberto e consolidou um longo pavimento de mosaico onde se destaca um significativo conjunto de painéis decorativos. Deste conjunto musivo fazem parte várias representações mitológicas entre as quais é de realçar no deambulatório do baptistério um Belerofonte cavalgando o Pégaso para matar a Quimera e no longo corredor porticado dois leões afrontados (Fig.5) e várias cenas de caça com um cavaleiro empunhando um falcão. Procurando os paralelos para estas representações, não podemos deixar de referir uma pequena capela perto de Hergla, na Tunísia onde foi descoberto um mosaico em que também são representados dois leões afrontados e uma cena de caça com falcoaria. Este conjunto foi datado do século VI (Ghalia 2001, 67).

Quanto à figuração de Belerofonte matando a Quimera, em território português, até agora, esta cena só era conhecida na cidade romana de Conímbriga, mas é relativamente frequente em vários locais da Espanha e da Tunísia onde a sua cronologia também se aproxima de inícios do séculos VI. Segundo Bairrão Oleiro esta cena de combate entre um cavaleiro e um monstro é, de certa forma, a antecipação iconográfica de S. Jorge matando o dragão (Oleiro 1992, 41).



FIG.4 PROPOSTA DE RECONSTITUIÇÃO VOLUMÉTRICA DO COMPLEXO BAPTISMAL. © CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA.



FIG.5 PAINEL DOS LEÕES AFRONTADOS.
© CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA.

Os motivos vegetalistas representados são ramagens (que predominam), acantos e rosas. As primeiras parecem constituir uma breve indicação de paisagem. Os segundos, estilizados e repetidos, surgem nas molduras dos painéis musivos. Os motivos florais fazem alusão ao paraíso. Adornam-se com flores templos e basílicas; nos mosaicos de Roma e de Ravena representam as delícias do paraíso (Cirlot 1982, 339). Os motivos geométricos como a cornucópia, o nó de Salomão, os círculos e as pelotas são bem conhecidos na gramática ornamental dos mosaicos do período tardo-romano e perduram nas representações musivas posteriores.

Mais do que as semelhanças há que salientar as diferenças. Os mosaicos de Mértola distinguem-se da linguagem musiva tardo-romana até agora conhecida no território português, pela temática e pela fina execução técnica, denotando certamente influências não só do Norte de África como também da tipologia ravenaica, influenciada pelo gosto bizantino.

Uma análise mais atenta dos mosaicos do complexo baptismal de *Myrtilis* permite constatar que, pela forma e qualidade das tesselas, pela técnica de corte e modo de assentamento, o programa da obra teria sido contemporâneo, obedecendo a um mesmo e coerente projecto. Não é de excluir que tenha sido a mesma equipa de mosaístas oriundos certamente do Mediterrâneo oriental, a executar todo este trabalho. Se a falta de paralelos bem datados inviabiliza uma cronologia segura, leituras estratigráficas e traços estilísticos permitam atribuir esta obra à primeira metade do século VI. Nessa época a cidade de *Myrtilis* e os seus comerciantes estão em contacto com todos os portos do Mediterrâneo nomeadamente com o Próximo Oriente de onde são originários vários personagens enterrados na Basílica Paleocristã do Rossio do Carmo e no Mausoléu recentemente descoberto.

No dia 25 de Março de 2009, foi inaugurado o Circuito de Visitas da Alcáçova do Castelo de Mértola. Esta obra há muito projectada, permitirá a visita organizada e a visualização correcta dos mosaicos e do baptistério, bem como aceder ao criptopórtico. Esta intervenção motivou ainda um programa de conservação *in situ* e restauro das superfícies musivas. O projecto de valorização agora implantado vai permitir a circulação das pessoas e contribuir para a protecção das estruturas existentes (Fig.6). ●

CAILLET, J-P. (1993) – *L'Évergétisme Monumental Chrétien en Italie et à ses Marges*, École Française de Rome, 175, Roma.

CIRLOT, J. E. (1982) – *Dicionário de símbolos*, Barcelona.

ENNABLI, L. (1997) – *Carthage Une Métropole Chrétienne du IVe à la Fin du VIIe Siècle*, CNRS Éditions, Paris.

FRONDONI, A. (1998) – “Riva Ligure Complesso di Culto”, in *Archeologia Cristiana in Liguria, VIII Congresso Nazionale di Archeologia Cristiana, Genova, Sarzana, Finale Figure, Alberga, Ventimiglia*, p.3/1-3/2.

GHALIA, T. (2001) – “La byzantine en Tunisie”, in *Dossiers d'Archéologie*, 268, p. 67-77.

GODOY FERNÁNDEZ, C. (1995) – *Arqueología y Liturgia. Iglesias Hispánicas*. Barcelona: Universitat de Barcelona.

GOUBER, P. (1946) – “Influences Byzantine sur l'Espagne Wisigothique”, *Estudes Byzantines*, 4, p.111-134.

GUYON, J. (1991) – “Le baptême et ses monuments”, in *Naissance des Arts Chrétiens*, Ministère de la Culture/Imprimerie Nationale Éditions, Paris.

LOPES, V. (2008) – “O edifício religioso da Antiguidade Tardia” in *Alcáçova do castelo de Mértola 1978-2008: trinta anos de arqueologia* – Coord. ed. Susana Gómez, Mértola, Câmara Municipal de Mértola, pp. 10-21.

LOPES, V. (2004) – *Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

MACIAS, Santiago, (1996) – *Mértola Islâmica. Estudo Histórico/Arqueológico do Bairro da Alcáçova*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

MAIA, M. e MAIA, M. (1996) – “Os castella do Sul de Portugal e a Mineração da Prata nos Primórdios do Império”, in Rego, M. (Coord.), in *Mineração do Baixo Alentejo*, CMCV, Castro Verde p. 61-81.

OLEIRO, J. M. B. (1992) – *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal, I, conventus scallabitanus, Conimbriga, Casa dos Repuxos*, Lisboa, IPM-MMC.

OLIVEIRA, J. T. de e OLIVEIRA, V. (1996) – “Síntese da geologia da faixa piritosa em Portugal, e das principais minerações associadas”, in Rego, M. (Coord.), *Mineração no Baixo Alentejo*, CMCV, Castro Verde, p. 8-28.

TORRES, C.; OLIVEIRA, J. C. (1987) – “O Criptopórtico-cisterna da Alcáçova de Mértola”. in II Congresso de Arqueologia Medieval Española. Madrid: Comunidad Autónoma de Madrid, 1987.Tomo II, p. 618-626.

VEIGA, Estácio da (1983) – *Memórias das Antiguidades de Mértola*, Edição fac-similada de 1880. Lisboa: Imprensa Nacional/Câmara Municipal de Mértola.